





ESCOLA DE DIREITO

ORÇÃO DA FACULDADE

Recife, 13 de Maio de 1898.

Depois de cinco mezes de lazeres, reaparece robustecida e avigorada a *Escola de Direito* organo legitimo da estudiosa mocidade academica.

Não fosse a convicção que temos do bom acolhimento por parte d'aquelles que comnosco trabalharam esforçadamente para sua manutenção intellectual e material no anno passado, não levariamos, de certo, a effeito esse arrojado tentamen.

Conseguimos a custa de inauditos esforços, os quaes certos estamos, serão compensados por nossos collegas, melhora-a, no que nos foi possivel, já intellectualmente com a felicissima aquisição de novos companheiros para o corpo redactorial, de cujo merito e talento muito se tem a esperar, já materialmente dando a *Escola de Direito* um formato especial, muito superior ao de outr'ora.

Eil-a de novo nas lides da imprensa, abrigada a sombra da mesma bandeira prompta e decidida a propugnar pela briosa classe da qual é o legitimo representante, sem se afastar uma linha sequer do programma traçado no seu primeiro numero.

Não nos é extranha a trajectoria que temos a abrir.

Bem familiares são para nós as difficuldades que se nos apresentam no percurso do caminho a trilhar.

Seguindo a risca o nosso programma, abrimos novamente e com a maior satisfação, as nossas modestas columnas, a colaboração de nossos collegas, como tambem a dos illustres mestres que quizerem illuminal-as com as reverberações de seus reconhecidos talentos.

Quer no campo amenissimo da litteratura, quer no do proveitoso da sciencia, acharão os nossos collegas o melhor acolhimento de nossa parte.

São nossos ideaes : as causas sagradas do Bem, da Justiça e da sciencia !

Enthusiastica e cordealmente propugnaremos com todo o ardor de nossa idade, por tudo aquillo que se nos impuzer como um dever ás consciencias, inda não aluidas no attrito apaixonado do meio politico social. Tudo faremos para attrahir ao nosso seio a luz salutar e procreadora da fulgentissima constellação scientifica.

A *Escola de Direito*, emfim, continua, como sempre, a ser o baluarte inexpugnavel levantado em defeza dos direitos da mocidade de nossa Faculdade.

Com o presente numero cumprimos a promessa feita aos nossos assignantes no numero ultimo de nosso modesto organo no primeiro anno de sua publicação.

Esperamos de nossos collegas a corroboração franca para que a *Escola de Direito* continue a ser o que até hoje tem sido !

N'ella se fundam nossas esperanças.



BIBLIOTECA
DE
DOUTOR
RUBEN
DE
SANTANA

SALVE 13 DE MAIO!

A emoção que experimentamos, no dia de hoje, é tão grande que não nos é dado deixar de manifestal-a quando parece que até a propria natureza veste-se de gala para saudar o 13 de Maio, data que assignála um dos factos mais importantes da nossa vida nacional, e constitue o objecto deste despretencioso e modesto artigo.

Trata-se hoje de commemorar o 10.^o anniversario da abolição da escravidão no Brazil: eis o que justifica a nossa ousadia.

« Essa instituição que em tempos remotos foi uma conquista (diz um escriptor) de espiritos adeantados que n'essa epoca conseguiram evitar a morte dos prisioneiros inimigos, concedendo-se-lhes a vida em troco da liberdade», tornou-se, com o progresso da humanidade, incompativel, abominavel, ignobil.

Assim é que, pouco a pouco, ella foi desapparecendo do seio do genero humano até que extinguiu-se de todo.

Entre nós a abolição fazia-se desde muito sentir e não tardou a ser a grande campanha, promovida por Joaquim Nabuco, Perdigão Malheiros, Ruy Barbosa, José do Patrocínio e muitos outros, um facto que viesse mostrar aos olhos do velho Mundo que o Povo Brasileiro é dotado de grandes concepções e que já não podia por mais tempo supportar o mercado da carne humana, o dominio do homem sobre o homem.

Foi assim que a Princeza Regente—D. Izabel, percebendo a necessidade de satisfazer as aspirações do povo, manifestadas na imprensa, na tribuna, e a gravidade do problema que obedecia aos impulsos da corrente das opiniões, «crystallizou, na lei 13 de Maio de 1888, a gloriosa revolução nacional que tão profundamente havia imposto ao governo do paiz a generosa aspiração do coração brasileiro».

Essa data, portanto, que proclamou a igualdade das raças, a extincção da prepotencia de uma sobre outra, que assignála o inicio de um periodo de luz, não podia ser-nos indifferente,

a nós, a mocidade academica, que sentimos palpitar em nosso coração a grandeza dos sentimentos, o amor pelos santos ideaes.

Demais affirma-nos a logica dos factos que foi ella um passo dado para a monumental obra de 15 de Novembro de 1889, «filha dilecta» de Benjamin Constant e de tantos outros que não trepidaram um só momento, um só instante, em pugnar em prol da grande arvore da liberdade, pondo em perigo o que ha de mais cáro, de mais sagrado—a vida.

A necessidade da Republica já se fazia sentir—era palpavel, e para que ella fosse proclamada era preciso que fosse extincta primeiramente a escravidão—a abolição fosse uma verdade; visto como não se pode conceber a primeira com a presença da segunda.

Resolvido, porém o grande problema da abolição, que crescia dia a dia, cuja solução tornava-se palpitante e urgente, pela lei de 13 de Maio, a que já nos referimos acima, appareceu no anno seguinte a Republica, o que nos leva a affirmar que o 15 de Novembro foi uma consequencia logica e immediata de 13 do Maio.

Assim, pois, em signal de regosijo, de indigivel satisfação, quando se nos afigura ouvir de todos os angulos do paiz um brado de contentamento repercutindo por toda parte, a mocidade academica pelo seu orgão a—“ **Escola de Direito,** ” commemora o dia de hoje, proclamando bem alto:

Salve! 13 de Maio! data fulgurante da nossa historia.

Recife, 13 de Maio de 1898.

ESTRELLAS

Noite silenciosa e triste.

Apenas o luminoso pallio da Via-Lactea estriado de lucilantes estrellas, scintilla, e um leve orvalho de chuva tamborila nos telhados umas cacções, lugubrememente entrecorta-

das pelos monotónos e agoreiros crocitar dos corvos sinistros e esganiçados que deblateram-se em polongados voos, pela escura treva d'esta noite pavorosa de tédio. Tudo silencio, tudo desolação.

Agora o marulhoso bramido das ondas sobre os rochedos hispídos e rocados, parece soluçar um beijo de dor, um beijo de agonia... e as brisas que vem do mar agitam, là fóra os copados velludosos das arvores.

Duas estrellinhas de luz mais mortíça do que as outras, quasi agonisantes parecem me segredar n'uns tremulos bruxuleios de esbranqueçados raios, alguma coisa de triste.

São as minhas companheiras, companheiras leaes. Todas as noites vejo-as no mesmo lugar, alardeando a mesma palida luz, luz cheia de risos e doçura, até que ao vir do sol por entre nimbos cor de rosa, desapparecem sempre saudosas, sempre leaes.

São as unicas confidentes dos meus suspiros de saudade.

Como parecem dormindo agora, entre uma aureola de luz suave e doce, como o ciciar das brisas, acariciando o capacet azul das ondas que se quebram.

E eu tenho saudades vendo que ellas serão talvez, agora mesmo as mesmas companheiras d'aquella outra de brilho tambem suave e doce, estrellinha que talvez no seu leito virginal e branco, esteja palpebrando a soluçar lagrimas de dor, lagrimas de saudade.

E como eu soffro Violeta ! e como tenho o coração magoado, vendo que entre as gazes frias do teu leito, semeado de petalas de rosas, por mim, visam lagrimas de dor ás tuas palpebras inquietas !!

E como soffro Violeta !.

10—5—98.

ALFREDO MAIA.

FLOR

Quando nasceste, flor, as outras flores
 Afrouxelaram teu pequeno berço
 Encheram-no de suavíssimos olores...
 — Éras a flor mais bella do Universo!

Cresceste, e na estação de teus amores
 Teo virgem coração no amor immerso
 Fez um poema de risos e de dores
 Do qual cada uma flor compunha um verso!

Na noite nupcial flores cheirosas
 Perfumaram-te a fronte e as vaporosas
 Bretanhas de teu leito de noivado!

Tu que entre flores sempre, oh flor, viveste
 Na morte as roseas palpebras desceste
 Entre flores n'um somno perfumado !..:

Recife, 29 de Abril de 1898.

Aristheu d'Andrade.



Album de um doudo

Fragmento

CAP. IV

(*Do materialismo ao espiritalismo*)

1. O universo é o complexo dos seres que occupam a immensidade do *espaço*.
2. O espaço não tem limites : logo—
 - (a) o universo não tem limites.
 - (b) o vacuo não existe.

(c) o numero de seres é incommensuravel.

3. Todos os seres são finitos, i—é, sujeitos a dissolução, e transformação; mas não a *aniquilamento*.

4. O aniquilamento, em acceção absoluta, é expressão vazia de sentido.

5. A transformação dos seres é incessante, porém gradual.

6. A dissolução dos seres segue a mesma lei : i, é,

7. Não pode ter lugar a dissolução simultanea de todos os seres do universo :

8. Assim tambem não pode admittir-se a formação subita ou simultanea de outro universo :

9. O chaos—i é, a negação do universo é impossivel.

10. O universo é eterno : porque a evolução dos seres é eterna.

11. Todos os seres estão porém sujeitos á lei de—formação desenvolvimento, progresso, decadencia e dissolução. Foi e, e será sempre assim.

12. A humanidade actual é a humanidade de outr'ora ; (abstrahindo-se do seu aperfeçoamento physico, intellectual e moral) mas os individuos que a compõem não são os mesmos. Assim o universo por toda a eternidade.

13. Um dia a terra deixará de existir : porque a Terra é uma individualidade finita do universo infinito.

14. Si a Terra perecer de decrepitude, a humanidade que a habita terá tambem a sua idade—senil.

15. A humanidade da terra decrepita, será uma humanidade decrepita, assim como a da terra infante foi uma humanidade infantil.

16. Todos os seres physicos estão sujeitos á mesma lei de infantilidade, puberdade, virilidade, senectude e morte ou dissolução das moleculas que os compõem.

17. Quando a terra attingir o apogeo de sua viribilidade, a humanidade attingirá o seu maximo aperfeçoamento.

18. Quando a terra começar a sua declinação para a velhice, a humanidade principiará tambem a declinar em seu progresso e aperfeçoamento.

19. Esse declinar será lento, e insensivel.

20. As gerações se succederão umas, ás outras sempre em regresso ou decadencia.

21. A raça intelligente virá, por fim, a desaparecer da face da terra.

22. E será substituida por uma outra, descendente della, mas já irracional, que tambem irá em regresso até que a vida animal desapareça.

23. E restará então a vida vegetativa, também em regresso, até extinguir-se.

24. E depois a terra completamente envelhecida, sem força alguma productora será um montão de ruínas ; um deserto arenoso e esteril, até que pelo correr dos seculos venha a desaparecer do espaço em consequencia da dissolução ou desaggregação das moleculas que compõem o globo.

25. Assim como *as existencias* se desenvolveram no globo gradualmente, assim, em regra, gradualmente terão de extinguir-se.

26. A terra teve a sua infancia e puberdade :

27. Está actualmente na idade viril,--que ainda não completou.

28. Depois della virá a velhice, a decrepidez e a morte :

29. E a velhice, e a decrepidez da terra diminuindo-lhe gradualmente as forças productoras ha de exercer necessariamente influencia fatal sobre as raças, que a habitam, sobre todos os seres que ella produz em seu seio, desde o homem até o ser inferior na escala da vegetação.

30. Assim como um accidente pode fazer succumbir o homem no viger de sua existencia, assim um cataclysmo pode destruir um globo no espaço.

31. A formação, desenvolvimento, senectude, e morte dos entes terraqueos--são a imagem do que se passa no universo:

32. A lei é a mesma e executa a sua acção de modo analogo, em cada mundo, e em todo o universo.

33. Todos os orbes attingindo um certo gráo de desenvolvimento, deverão ser habitados por seres dotados de intelligencia e livre arbitrio.

34. Os entes racionais que habitam cada mundo não podem communicar-se com os de outro qualquer.

35. Cada especie está adstricta ao orbe em que nasceu e desenvolveu-se ; e nella exercerá a sua missáo completa-la-ha ali ?

36. O universo constitue um todo harmonico.

37. Astros, planetas esphas, corpos, qualquer que seja a sua natureza, se acham unidos por laços indissoluveis, por leis invariaveis, e eternas, que os mantem cada qual em sua orbita, formando um só todo multiple e immenso, como o infinito ; porque o universo não tem limites.

38. Não ha estrellas fixas : as leis de locomoção regem todo o universo.

39. Composto de materia e força, o universo é um conjuncto de corpos, que rolam na immensidade do infinito sem

ter sciencia nem consciencia de sua existencia : O universo não constitue um ser dotado de razão.

40. Limitado ao circulo estreito e acanhado do planeta em que nasceu, a intelligencia do ente racional de cada esphera habitavel semelhará uma debil luz, um tenuissimo lampejo que jamais poderia trazer siquer um raio de claridade á noute eterna do universo inconsciênte de sua existencia.

41. Intelligencia emparedada pela materia finita, o homem nunca poderá alcançar e comprehender, por mais elevado que seja o seu aperfeiçoamento, o plano integral, a existencia intima do universo, e a de cada uma esphera em sua individualidade. O enigma do universo ser-lhe-ha sempre indecifrável.

42. Os arcanos da natureza inacessiveis à sua intelligencia encarcerada lhe estarão vedados para sempre ? E tambem aos seres racionaes dos outros mundos ?

43. É tam sublime e grandioso espectaculo, tantas bellezas, e maravilhas, jazirão eternamente mergulhadas no oceano immenso do infinito, sem que um ser intelligente e livre as possa contemplar, admirar, estudar, comprehender e exultar de jubilo diante da harmonia eterna dos seres, diante da união indissolúvel, que os mantem no espaço infinito ?

44. Será concebivel a segregação absoluta e implacavel das intelligencias de cada mundo, tentando debalde transpor os espaços incommensuraveis para apoderar-se do universo infinito, e esbarrando sempre diante do impossivel ?

45. A união e harmonia eterna dos corpos e das espheras não nos dará ideia da união e fraternidade das *intelligencias* de cada mundo communicando reciprocamente os seus conhecimentos, e cooperando todos para o estudo e comprehensão do plano do universo, para a solução do grande problema methaphysico das causas finaes, em que se empenha a humanidade, há dois mil annos ?

46. É na impossibilidade de verificar-se essa união e fraternidade, de orbe a orbe, durante a existencia corporea dos seres intelligentes, o pensamento não nos conduzirá a admittir uma outra existencia tambem sujeita ás leis do progresso e aperfeiçoamento moral, em a qual libertos da materia, corporea que encarcera a intelligencia, e a tem como que adstric-ta ao solo em que surgiu, possam os seres intelligentes e livres, aproveitando os conhecimentos obtidos em cada mundo dedicar-se ao estudo e investigação das leis que regem o universo afim de comprehende-lo, conhece-lo, e admira-lo, em seu conjuncto e extensão infinita ?

47. É para presidir a este concerto universal dos mundos, e a esta associação dos seres intelligentes, o pensamento não

nos dará a intuição verdadeira de um Ser superior, coexistindo com o universo, no universo, e para o universo, Ser supremo, sabedoria infinita a qual nada será occulto e desconhecido, e cuja sciencia e conhecimentos sem limites abrangerão o universo inteiro com todas as suas maravilhas assombrosas e infinitas ?

48. Deus e o universo : São duas verdades eternas e incontestaveis.

O universo é o theatro onde se exercita a acção eterna da divindade.

O universo é portanto eterno como o ser d'onde elle emana.

A existencia espiritual dos seres intelligentes impõe-se como uma necessidade de ordem e de harmonia.

A personalidade, e immortalidade do espirito é, pois, uma verdade absoluta.

.....

J. J. J.

CRUZ E SOUZA

Il y a des hommes que leurs paroles font aimer. *H. Taine.*

Em magestade suprema, pelas estrophes rútilas incrustadas no oiro falvo da Forma, pelos periodos mirificamente cinzelados na prosa, como esses vasos sublimes de Cellini, para a fina flor azul do Sentimento, sua Alma vibra sonorosaente, n'uma unção ineffavel de Caricia, por entre perfumes do Coração, como se thiorbas cantassem e nuvens de incenso se evolassem para o alto, em pompa cultual, na serena Cathedral da Arte.

Foi um asceta da nova Crenga, que o cilicio da phrase torturava genuflexo e contricto, para o culto hyperdulico do Bello !

Tudo o que pensava ou sentia, ao escrever, immergia num quer que de vago, mysterioso e transparente como nevoa coando a luz que os diluculos doira, extranhamente a fluir para o azul da Phantasia : as ideias scintillando como pedrarias que se confundissem n'um mesmo raio de Sol ; as emoções eclodindo n'um affluxo de seiva a sacudir o seu temperamento vigoroso de artista.

Como n'um templo gothico, em que ha sombras, e a luz atravessa as ogivas transfigurando-se em iris ; em athmosphera de olencia d'uma thurificação de Ternura e plangencia de cantico mystico derramando-se em tudo, á ara alvissima do Sonho, resa-se o MISSAL branco, em que sua Alma toda é um rito do Ideial

As phrases ficam trinando, ruflando azas, como se poisassem em nosso espirito...

Delicada compleição psychica, vibrante, que transparece através da expressão rhythmica e burilada, unvida de Amor, vestindo um tecido de filigranas luminosas

N'um espanejamente de pollen dourado a Chimèra ala-se pelos seus versos.

Nos BROQUEIS tauxiados de Visões e Ancias, como em reverbéros se fundio seu Genio.

A idiosyncrazia emocional de Cruz e Souza, moldou-se a essa tendencia para o original, para o extranho e para o diaphano como uma tonalização d'esta epocha em que o superficial é uma qualidade, na phrase de Flaubert.

Não pretendo traçar a psychologia de Cruz e Souza ; mas exprimir a energia de emoção que empolga-me, ao enveredar pelas phrases em que abre-se o seu coração como um rosal ao brilho astral da Ideia.

Negro, a sua alma era uma constellação de oiro.

Depois, se a suprema Luz aureolava-lhe a cabeça, era sobre as fauces escancaradas da Miseria.

E nos seus ultimos dias, a florir a messe refulgente de seu Espirito, morria a fome...

SORIANO D E ALBUQUERQUE.

SUPPLICA

A Aristheu de Andrade.

Bem como um bando de pardaes que agitam
as suas azas pelo espaço a fóra,
as esperanças que eu meu ser crepitam
vão se affastando em nevoada agóra

Um desalento me aniquila, e chora
o coração, onde em paixões palpitam
as illusões, que vão morrendo, embora
seja o sacrario onde ellas resuscitam.

Mas quando enfim eu já soffrer cansado,
p'ra tanta magoa, e p'ra descrença tanta
pedir abrigo como um condemnado ;

Me esten le ao menos tua mão de santa,
e então verás meu ser ressuscitado
por esta mão bemdita que o levanta.

HENRIQUE SOIDO.

13 DE MAIO

Esta data não deve ser esquecida por um povo cioso de suas glorias.

Hoje commemoramos a data em que foram derrocadas as senzalas, eliminado o azorrague, tornando-se o homem escravo cidadão ; foi nesta data que o pendão da liberdade ergueu-se, proclamando ao universo inteiro,—a egualdade, a concórdia e a fraternidade de todos os brasileiros. Foi uma aurora radiante, que illuminou o amplo céu de nossa patria !

A escravidão era o grande cancro que nos arruinava pouco

a pouco, era a antiga pratica que os aventureiros da metro pole nos legaram.

Este cancro ramificou-se, semelhante ao polvo com os seus tentaculos, estendendo-se por cima das nossas cidades, das nossas villas, das nossas aldeias e das nossas bellas florestas.

A Gran-Bretanha velipendiou-nos com as insolencias dos seus cruzadores, nos proprios mares territoriaes do Brazil-cruzadores que visitavam os navios brazileiros, sob o pretexto de prohibir a introduccão de africanos.

O manhoso leopardo, o feroz leopardo, tão apregoadamente apegado ao direito de liberdade dos homens, chegou ao ponto de affrontar os melindres de uma nação amiga, em nome deste mesmo direito, esquecido de que quinze annos antes havia abusado do direito de hespedagem, na pessoa de Napoleão I, escravizando-o illegalmente contra todos os direitos, na Ilha de Santa Helena.

Fôra talvez o arrependimento desse acto que horrorizou o seculo: a causa da cruzada em favor dos africanos, chegando sua audacia a envolver-se nos direitos privados dos povos.

O nosso paiz tratou de remediar este mal, com a *Prohibição do trafico em 1831*.

Não quero dizer com estas referencias á Inglaterra que o nosso paiz pelo temor de suas affrontas, fosse obrigado a prohibir o trafico.

E' que já nesse tempo a corrente abolicionista agitava publicistas, poetas e parlamentares.

Como a escravidão, não houve jamais maior falta de generosidade, de sentimentos nobres, de raciocinio e da verdadeira comprehensão do Evangelho e da verdade, que aclara as escuras consciencias, impulsionando-as na feliz direcção da liberdade. Era a violação de todas as leis, era o contrabando da carne,—o desembarque em praias inhospitas de milhares de seres; e assim mostravamos ao mundo um degradante caracter nacional.

O paiz mais tarde tomou medidas energicas, com a providencia da *Lei Repressiva do trafico em 1850*.

Nada mais desolador que o espectáculo de milhares de mães vilipendiadas, infamadas pela escravidão, apertando nos braços o fructo de suas entranhas, pedindo misericordia ao céo silencioso na occasião em que a separavam do filhinho querido, que era vendido como mercadoria, como um objecto de commercio, roubando-se-lhe a qualidade de um entesinho innocente arrebatado aos seios maternas para ser sacrificado ao azorrague impiedoso, na ignominia do senhor bruto e a feroz.

Este grito foi ouvido, porem, pela Princeza Isabel, por esse mãe que cheia de grande amor pela sua patria, possuindo immenso thesouro de virtudes christãs, não vacilou um só momento em arriscar seu throno, sendo a primeira a desprender das mãos dos senhores brutos as crianças a quem a asphyxia mortal da escravidão não permittia respirar a suave briza, a dulgurosa briza da liberdade,

Quantos beneficios milhares de brazileiros não gosam hoje pela generosidade, pela caridade da Princeza, pois, foi ella quem mais concorreu para que nós tivéssemos a *Lei do ventre livre em 1871*.

Os politicos, os homens do governo desse tempo, com raras excepções, cerravam os olhos a tudo quanto significava progresso, as ideas liberaes que se levantavam nas duas camaras, na imprensa e na massa popular.

Mas o movimento abolicionista continuava a marchar pelo caminho apontado por Euzebio de Queiroz, Rio Branco e muitos outros.

Os homens do governo eram combatidos na imprensa e na tribuna; e o exercito negando-lhes o apoio de suas bayonetas para a captura de escravos, forçou-os a nos darem a *libertação dos sexagenarios em 1885*!

O movimento abolicionista crescia assim de dia a dia, organisavam-se sociedades emancipadoras em todas provincias, em todas as cidades.

O Ceará libertou-se, o Amazonas acompanhou-o, o povo rugia, estrondava e ameaçava, levantava o pendão abolicionista

a tal altura que sua sombra ia até o mais alto do palacio de São Christovam.

A onda augmentava, onda feróz e indomita na sua força ; a Princeza une-se ao povo, secundada por João Alfredo, que com a maior facilidade conseguiu transformar aquellas Camaras escravocratas em abolicionistas.

A extinção dos escravos, em 13 de Maio de 1888, trouxe a cicatrização da peor chaga moral, e, assim, ficou o paiz livre desse cancro que nos arruinava e da nodoa que nos envergonhava perante as nações livres.

ARISTHEO PINHEIRO.



So'...

A lua ia-se aos poucos desmaiando
Quando partimos, eu a ella unido...
E as gramas que se iam despertando,
Beijavam-lhe o bordado do vestido.

Os passaros nos ninhos acordando
Vinham n'um canto suave embevecido
Na linguagem dos céos a ella fallando
Contar-lhe um sonho doce, indefinido !

E eu vi que esta ventura era mentira !
— Alva chiméra que noss'alma inspira
E que nos vae em gozos lacerando :

Ella fugio... e eu vou pelos caminhos...
E vendo-me sem ella os passarinhos
Fogem de mim sentidos, soluçando !

Recife—Abril—88.

S. Fernandes.

MEDITAÇÃO

Era em uma manhã de Maio.

Flores, indolentemente inclinadas, perolejando orvalho, espalhavam perfumes capitosamente delectáveis na atmosphera mundificada e sã dos campos enverdecidos.

Raios de um sol de primavera esvahiavam-se tremulamente, preguiçosamente, por entre a folhagem verdoenga dos arvoredos em vico.

Cezira, a joven que tinha sempre na bocca pequenina e rosada um risinho acanalhado e brejeiro, scismava.

Olhos emmurchecidos, seios arfantes, tinha os labios arregaçados n'um sorriso triste de mulher trahida.

Alli, na solitariaidade quasi incognita de um jardim isolado, ella, reclinando descuidosamente a cabeça sonhadora, murmurava a sós.

As idéas remoinhavam-se-lhes no cerebro atordoado e confuso, e, d'aquelles grandes olhos oblongos e ternos lagrimas rorejavam pausadamente, demoradamente pelas faces opalescentes como contas de um rosario que se desflasse aos poucos.

Pensava n'Aquelle que partira; n'Aquelle que inoculára em seu coração de joven as primeiras noções de amor, d'aquelle amor ardente, fervoroso e arrebatador que pela primeira vez se sente.

Pela imaginação desvairada passavam acceleradamente, em revoada, as doces reminiscencias dos dias passados no delicioso aconchego de um amor feliz.

Lembrava-se ainda, insistentemente, das horas entretidas a beira mar em que elles, os dous namorados, enlaçados, aconchegados, assistiam, embevecidos o esbatimento compassado e marulhoso das ondas, o esvaimento preguiçoso das espumas brancas nas anfractuosidades dos rochedos ponteagudados.

E, elle se fora n'aquella manhã fresca e convidativa.

A poucos momentos ella, de pé, no declive da praia arenosa, agitando levemente um lençinho de seda branca, vira afastar-se, até sumir-se na fimbria do horisonte, o navio em cujo bojo repousavam adormecidas todas as suas esperanças, todos os seus sonhos de virgem.]

E, agora, com o pensamento a mariposear por paragens longinquas, permanecia triste, chorosa, esmorecida, carpindo silenciosamente a dor que lhe minava o peito.

De repente adormecera.

Os cabellos espalharam-se pelas espaduas nuas.

O seio branco, de uma brancura lactescente, tepido e provocante, n'um arfar silencioso e constante, apparecera exposto aos beijos lubricos do sol, e através do rendilhado do casaco de cambraia, dous pequeninos bicos turgidos e rosados, como assassinos medrosos, espreitavam.

E n'aquelle entorpecimento suave adormecera, como que invadida de um gozo sensual, embalada pelo harmonioso cavatinar da passarada folgazã, e, ao redor, *baguetes* de orvalho, como *chrysolithos* raros, tremelusiam ainda, etherisando-se aos poucos da concavidade perfumosa das coróllas.

B. Paixão.

CHRONICA

Depois de umas ferias prolongadas reaparece hoje a *Escola de Direito*, unico organ genuinamente academico.

Com o passeio de uns e com a preguiça de outros acha-se no posto de *chroniqueiro* quem peor pode desempenhar essa missão.

Si pretendessemos reportarmos-nos a todos os factos que se tem desenrolado desde o dia em que sahio o nosso ultimo numero com certeza seriam poucas todas as columnas da *Escola*, porém como não nos é possivel fazel-o, mesmo porque já se acham quasi todos com praso *prescriptio* para sua apparição e a um jornal, occupar-nos-hemos sómente do que houver de mais recente.

No dia 15 de Março teve lugar a abertura das nossas aulas na Faculdade.

Infelizmente não poderam ter uma certa regularidade e isto devido a realisação dos exames de segunda epocha os quaes terminaram no principio d'este mez.

Agora, porém, que acham-se terminados os referidos exames tem de ser reabertas as aulas e nós todos, academicos, havemos de seguir diariamente para a Faculdade afim de não levarmos faltas (pois ainda existe o systema obrigatorio) e podermos fazer *jus* a um *gráosito* melhor no fim do anno.

Nos exames da 4.^a serie juridica ultimamente prestados

concluíram os seus cursos os nossos distinctos amigos e collegas Elviro Dantas e Domingos Americo.

Conhecidos de toda a Faculdade, os noveis bachareis impunham-se não só pela sua affabilidade no modo de tractar a todos os collegas como ainda pelo seu talento bastante cultivado.

Tendo procurado sempre cumprir com os seus deveres de academicos estamos certos que esses nossos prezados amigos serão bastante felizes na vida pratica, na qual agora entraram.

O Elviro Dantas que era tambem nosso collega de Redacção e que no dia 29 do mez passado seguiu para a Parahyba do Norte, foi obrigado pelo motivo acima exposto, á abandonar nossa banca de trabalho.

Este facto deixou-nos bastante saudosos por aquelle que sempre illuminou as nossas columnas com os seus escriptos brilhantes.

O Domingos Americo a quem consideravamos como um dos nossos melhores collaboradores tambem foi obrigado a partir para o seu Estado Natal (Maranhão), no dia 25 do mesmo mez.

A *Escola de Direito* desejando que esses dois mocos tivessem feito excellente viagem, faz votos para que encontrem sempre coberto de flores o caminho que tem a trilhar.

Tambem concluíram os seus cursos os nossos não menos distinctos amigos José Bernardo Filho e Ildefonso Esteves aos quaes almejamos um futuro roseo.

A *Sociedade Gonçalves Dias* da qual faz parte Elviro Dantas, regosijada pelo seu Bacharelamento preparou-lhe modesta porém significativa manifestação no dia 26 do mez passado.

Consistio essa manifestação na offerta de um mimo, tendo n'esta occasião fallado diversos socios da mesma Sociedade.

Em seguida foi servido um copo d'agua sendo erguidos alguns brindes.

Ainda uma vez felicitamos ao Elviro Dantas.

Esquecemos-nos no principio d'esta chronica de referimos um facto que embora um pouco remoto contado torna-se digno de menção pelo seu alto interesse patriotico.

No dia 3 de Fevereiro do corrente anno, teve lugar a trasladação solemne dos ossos do pranteado patriota Nunes Machado, do Institute Archeologico e Geographico Pernambucano para o cemiterio publico em S. Amaro.

A Faculdade de Direito, conforme havia resolvido anteriormente compareceu ao prestito, representada pela quasi totalidade dos Academicos, os quaes conduziam um bem preparado andor que tinha na frente o retrato do distincto mestre Dr. Villela Tavares um dos que em 49 soffreo o castigo de ter propugnado por uma causa sympathica e justa.

A mocidade academica precedia uma banda de musica militar, symbolisando esse grupo a sciencia.

Foi esse mais um preito de homenagem prestado ao immortal Nunes Machado.

Seguiram para a Capital Federal no mez passado os Drs. Gomes Parente, Martins Junior e Gonçalves Ferreira nossos presados mestres e que foran, o primeiro deffender o seu diploma de Senador pelo Ceará e os dois ultimos tomar assento no Congresso Federal como representantes d'este Estado.

Feliz viagem é o que desejamos que tivessem feito.

Para lugar de lente de Historia do Brazil e Litteratura Nacional do Lyceô do Estado do Piahy foi nomeado o nosso ex-collega de Redacção Dr. Ernesto José Baptista.

Bastante justo foi o acto que emanou do poder executivo do Piahy, nomeando esse talentoso moço que mostra aptidões bastantes para desempenhar satisfactoriamente o honroso cargo.

Para identico estabelecimento no Rio G. do Norte foi nomeado vice-director, ainda um nosso ex-companheiro.

Queremos referirmos-nos ao Dr. Juvenal Lamartine que sempre nos deu provas de grande talento e cujos merecimentos jamais poderão ser postos em duvida.

Satisfeitos, cumprimentamos a esses nossos amigos pelas suas merecidas nomeações e felicitamos aos Lyceos Piahiense e Rio Grandense pelas optimas acquisições que fizeram.

No dia 20 de Abril proximo passado, o corpo discente da Academia deliberou passar um telegramma ao Dr. José Marianno assegurando a sua solidariedade na dor immensa que o traspassa presentemente, com a irreparavel perda da sua leal companheira de glorias e martyrios.

O telegramma enviado ao Dr. José Marianno era concebido nos seguintes termos:—“ José Marianno—Rio—Estudantes Direito reunidos manifestam sincero pezar fallecimento virtuosa esposa—(Assignado)—A commissão :—*Aristheo Pinhei-*

3w.191

ro. Pedro Cirne, Eliseo Cesar, Souza Santos Salustiano França.”

A esta commissão o Dr. José Marianno passou um tele-gramma de resposta no dia 30, assim redigido: «Agradeço generosa mocidade sois interprete, conforto angustioso transe. —(Assignado)—José Marianno.

Passou o 3 de Maio dia considerado pelo governo Federal como feriado nacional pois é n'este dia que o Brazil festeja o seu apparecimento no seio dos paizes civilisados.

Dissemos que o Brazil festeja o seu apparecimento porque até então elle era completamente desconhecido pelas nações civilisadas e somente n'esse dia foi que Pedro Alvares Cabral casualmente ou não, descobriu esse pedaço de terra abençoada a que deu o nome de Santa Cruz.

22 de Abril pelo calendario Juliano ou 13 de Maio pela reforma Gregoriana esse é o dia que mais nos ennobrece e que por nós deve ser considerado como o principal feriado nacional.

Ligeiramente referindo-nos ao 13 de Maio nos pequenos limites d'esta chronica, saudamos ao povo Brasileiro.

Tem continuado a visitar-nos diversos orgãos do Sul e do Norte do Brazil e a *Lanterna Magica*, d'este Estado.

A' todos esses collegas nossa gratidão.

Agora para encerrar esta chronica que já vae bastante paulificante lembramos ao leitor que: «Agua molle em pedra dura—Tanto bate até que fura.»

Nós temos batido constantemente contra o vergonhoso modo de ensino ultimamente restaurado em nossa Faculdade pelo poder legislativo.

O poder que tem a competencia para nos libertar, para proclamar um 13 de Maio para as Faculdades de Direito, faz ouvidos de mercador, paciencia; «não ha mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe» diz o rifão antigo.

Vamos agora entregar esta chronica aos compositores afim de que ella não faça o que fez um artigo do Dr. Newton B. e que devia ser publicado no Congresso Academico de 15 de Outubro do anno passado, o qual segundo diz o mesmo Congresso ausentou-se da capital e não deixou o autographo.